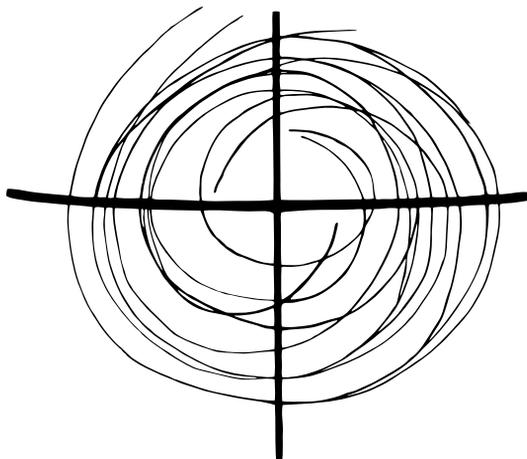


FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DAS  
UNIVERSIDADES CATÓLICAS (FIVC)



50 ANOS APÓS O  
CONCÍLIO VATICANO II

TEÓLOGOS DO MUNDO INTEIRO DELIBERAM

Sob a direção de:

Mathijs LAMBERIGTS

Gilles ROUTHIER

Pedro Rubens FERREIRA OLIVEIRA

Christoph THEOBALD

Dries BOSSCHAERT

(assistente científico do projeto)



# INTRODUÇÃO

## MOTIVOS, ESPÍRITO E HISTÓRIA DO PROJETO

Ao aproximar-se o cinquentenário do Concílio Vaticano II, um pequeno grupo de teólogos se reuniu com a convicção de que, para fazer memória desse acontecimento, não era mais possível contentar-se com congressos teológicos de tipo clássico, aliás necessários e muito úteis, e com celebrações eclesiais de ação de graças em nome do Povo de Deus. Não se poderia deixar passar esse “momento” privilegiado da nossa história sem retornar ao próprio *processo de deliberação eclesial*, do qual se conhecem as dimensões excepcionais. Se, naquela ocasião, as universidades e faculdades de Teologia já haviam sido implicadas na vasta pesquisa antepreparatória, os teólogos, biblistas e canonistas encontraram progressivamente seu lugar no seio das comissões conciliares, graças à confiança que os bispos geralmente lhes demonstravam. A redação dos documentos, verdadeiro trabalho de inteligência coletiva, teria sido inconcebível sem as equipes internacionais e pluridisciplinares que eles formavam. Foi nesses “laboratórios” que continuou a tomar forma a renovação da teologia iniciada antes do Vaticano II e levada adiante nos cinquenta anos que se seguiram.

O que foi feito, então, em pouco tempo, não traz em si – como uma utopia – a promessa de um trabalho comum no seio da comunidade científica formada de teólogas e teólogos de horizontes culturais diferentes e pertencendo a diversas “escolas”? Tal trabalho seria, evidentemente, baseado na competência universitária de todos, mas exigiria também – visto

tratar-se do futuro da Igreja e das Igrejas num mundo globalizado – capacidade de ponderação ao mesmo tempo comum e pluricultural das questões conjunturais, capacidade impensável sem tempos de verdadeira deliberação. Desde o primeiro encontro do nosso grupo, ficou claro, no entanto, que, se o Concílio Vaticano II foi a expressão suprema da deliberação do *magistério pastoral* da Igreja, um processo de inteligência coletiva entre teólogos, historiadores, biblistas, canonistas e sociólogos, à imagem do que se passou antes e durante os quatro períodos conciliares, era de outra ordem. Mesmo assim, impunha-se colocar a questão urgente do posicionamento específico do *magisterium*, que é o da comunidade teológica na Igreja.

Tomar consciência de que essa promessa era um desejo presente em muitos de nós era já começar a testar pistas de uma eventual realização. Em 11 de dezembro de 2012, nós nos constituímos em Comitê científico e nos colocamos sob o patrocínio da *Federação Internacional das Universidades Católicas*, a FIUC, com sede em Paris e representando uma rede de 215 universidades nos cinco continentes. Antes de retomar brevemente as diferentes etapas do processo de pesquisa internacional, então iniciado, convém reconhecer os inevitáveis ensaios e erros que o acompanharam, sem falar da inquietante questão de saber se a convicção de fundo e o desejo que nos habitava encontrariam eco e seriam partilhados dentro de uma comunidade científica cada vez mais internacionalizada, diversificada e, além disso, sobrecarregada de preocupações locais. À medida que avançávamos, era preciso renovar, a cada etapa, nossa confiança no acerto da proposição; confiança tanto mais necessária quanto tal empresa seria irrealizável sem o apoio que devíamos solicitar junto a patrocinadores.

O projeto passou por três etapas decisivas antes de chegar ao Colóquio de Paris, que, no ano do aniversário do encerramento do Concílio, representou seu fim, talvez provisório e portador de um outro futuro.

1. Durante o primeiro *encontro* do Comitê científico, várias decisões foram tomadas e progressivamente realizadas.

Primeiro, era necessário escolher para esse programa de pesquisa internacional um título que levasse em conta as duas disciplinas maiores implicadas em nosso questionamento, a história e a teologia; daí a formulação, por sinal matizada em fase ulterior: *Vaticano II: acontecimento histórico e problemática para hoje*. Tendo consciência do caráter conflituoso das diferentes fases de recepção do Concílio, tratava-se de verificar se as fraturas se tinham deslocado e, sobretudo, como ultrapassar uma série de falsas oposições e testar honestamente as possibilidades de encontrar, no acontecimento e no *corpus* conciliar, recursos para viver o presente da Igreja em nossas sociedades de hoje.

Tendo definido o título, nós o explicitamos em cinco temáticas:

1) *Designar o tempo presente*

Malgrado não poucas reservas, o Vaticano II se apoia em uma visão relativamente positiva das mutações que marcavam o mundo daquela época. Por isso, antes de mais nada, é preciso considerar as mudanças de contextos (político, econômico, cultural, eclesial) e as mutações de fundo que intervieram desde o Concílio: a que discernimento do “momento presente” somos chamados hoje (GS 4-10)? Com quais consequências para o anúncio da fé e para a edificação da Igreja etc.?

2) *O serviço da teologia hoje*

A contribuição dos teólogos foi um traço característico do Concílio Vaticano II. Cinquenta anos mais tarde, é preciso refletir de novo sobre o papel dos teólogos numa situação que se modificou profundamente. Que transformações o Vaticano II produziu nas faculdades de Teologia, na organização das disciplinas teológicas e no ensino da teologia? Para a fecundidade do serviço da teologia na Igreja e na sociedade, que contribuição e que espaço de criatividade se pode desejar e ter em vista?

3) *O encontro do Evangelho e da Igreja com o mundo e a cultura*

Não obstante debates às vezes bem animados, o Vaticano II chegou a consensos bem amplos. Havia, no Vaticano II, uma visão de fundo compartilhada, e até uma mesma cultura na maioria dos teólogos. Sobre quais avanços contar desde 1965, no que se refere às relações da Igreja Católica com outros componentes, religiosos ou não, de nossas sociedades, em termos de antropologia, de relacionamento com a criação etc.? Sobre qual consenso apoiar-se hoje?

4) *O Vaticano II como “bússola” para a Igreja do século XXI*

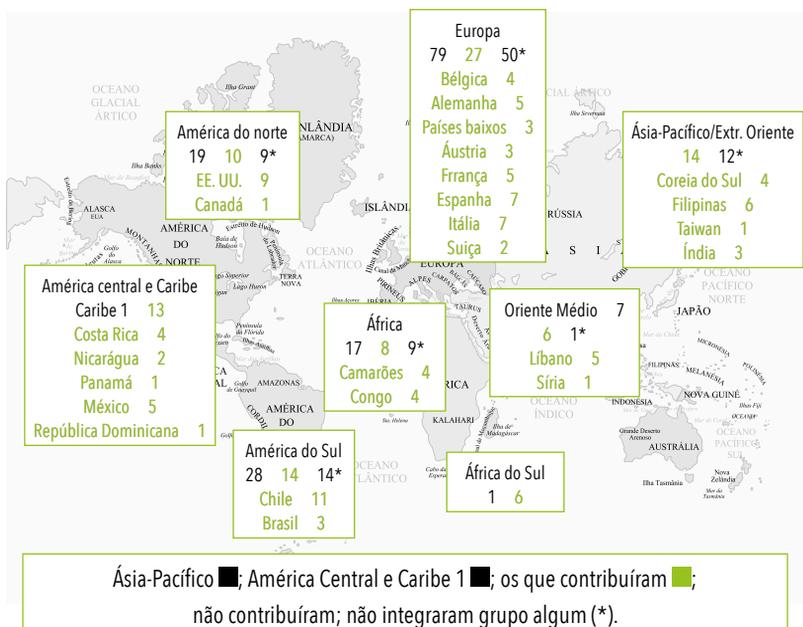
Os consensos de fundo, em que pese a diversidade das sensibilidades, parecem ter cedido lugar a divisões quanto à importância a ser atribuída hoje ao Vaticano II e quanto ao seu lugar na história do pensamento e de nossas sociedades. Que importância dar hoje ao Vaticano II e que papel pode ele desempenhar na renovação da Igreja? Como superar uma série de falsas oposições que paralisam a Igreja?

5) *As urgências atuais para a Igreja*

A expressão da doutrina em forma pastoral, a reforma (*renovatio, reformatio*) na Igreja (seu *aggiornamento*) e a unidade dos cristãos eram sentidas como urgências por ocasião do Concílio Vaticano II. João XXIII chegou a inscrever essas realidades entre as finalidades do Concílio. Tais urgências, o que se tornaram hoje? Quais são as urgências de hoje?

Uma terceira decisão do Comitê científico foi, então, determinar o círculo, que aliás permaneceu aberto até o fim do processo, daquelas e daqueles que era necessário solicitar para constituir equipes de pesquisa que elaborassem uma resposta coletiva a uma das cinco questões. Se, num primeiro momento, pensávamos principalmente em pesquisadores interessados diretamente pelo Vaticano II, alargamos, em seguida, o círculo a pensadores para quem o Vaticano II é uma fonte, pressupondo sempre uma cultura de base comum quanto ao conhecimento do Concílio e aos problemas de interpretação que ele coloca. De fato, ficou cada

vez mais claro que, para não poucos teólogos e teólogas do hemisfério sul (para falar mais globalmente), o Vaticano II representa o último Concílio euro-atlântico; o que resulta, evidentemente, numa relação diferente com esse acontecimento e com seu *corpus* textual. Entre dezembro de 2013 e agosto de 2014, em torno de duzentas pessoas foram contatadas; dessas, umas cem se agruparam em equipes, cada qual sob a presidência de um responsável designado pelo Comitê científico, e redigiram vinte textos, cada um com quinze páginas mais ou menos, referindo-se a pontos de consenso na equipe, pontos de controvérsia e *quaestiones* a serem aprofundadas.



2. Nova fase do processo começou durante o segundo encontro do Comitê científico, em 2 de junho de 2014. O objetivo era a preparação de um pré-Colóquio que se reuniu, nos dias 21 e 22 de outubro de 2014, em Paris, com a dupla tarefa de tomar conhecimento dos vinte textos e de preparar, sobre essa base, o Colóquio de 2015. Por razões orçamentárias e de eficácia, o número dos participantes foi limitado (dez pessoas

convidadas, entre os dezenove chefes de equipes internacionais, os três reitores das faculdades de Teologia católicas de Paris e o Comitê científico). Em clima fraterno, marcado desde o começo pela invocação do Espírito Santo, o primeiro dia foi consagrado ao exame dos vinte textos, graças às *relationes* preparadas pelos cinco encarregados de sínteses e aos debates cada vez mais sensíveis às relações transversais entre os textos. O segundo dia teve por objetivo reformular e reordenar as questões e formar cinco novas equipes, agora *intercontinentais*, que, com base nos vinte textos preparatórios e nas discussões em pré-Colóquio, tiveram por tarefa propor cinco textos que forneceram o material do Colóquio final em abril de 2015.

Foi nessa etapa do processo que o título inicial escolhido se tornou preciso, para dar conta do eixo maior de nossas deliberações, centradas – não sem registrar os primeiros efeitos do novo pontificado – no *Evangelho sob o risco das culturas*.

A reformulação das questões é também o sinal da consciência mais nítida das relações transversais entre as questões, cada uma devendo abordar, respectivamente, as três dimensões: antropológica, teológica e eclesial.

### **Comissão 1: Vaticano II: que inspiração para hoje?**

Passados cinquenta anos, que importância dar hoje ao Vaticano II e que papel pode ele desempenhar:

- no plano da promoção da dignidade humana;
- no plano da interpretação do Evangelho; e
- no plano da reforma [*renewal*] da Igreja?

### **Comissão 2: Designar o momento presente**

Malgrado não poucas reservas, o Vaticano II se apoia em uma visão relativamente positiva das mutações que marcavam o mundo naquela época. Atualmente, temos plena consciência da mudança de contexto (político, econômico, cultural, eclesial) e das mutações de fundo

ocorridas desde o Concílio. A que discernimento do “momento presente” somos chamados hoje (GS 4-11):

- no plano antropológico;
- no plano teológico (relação com o Evangelho); e
- no plano eclesiológico (consequências para o anúncio da fé e para a edificação da Igreja)?

### ***Comissão 3: O encontro do Evangelho e da Igreja com o mundo e as culturas***

A experiência missionária da Igreja durante os séculos XIX e XX conduziu o Vaticano II a reposicionar a nota da catolicidade (ecumenicidade) da Igreja, que, doravante, habita todas as culturas, autorizando-a a inscrever o Evangelho na pluralidade das culturas do mundo. Como, nessa nova situação, pensar ao mesmo tempo a diversidade e a unidade:

- no plano antropológico (a unidade da família humana, a diversidade dos povos e das nações, os sem-voz);
- no plano teológico (as diversas expressões doutrinárias, teológicas, catequéticas, litúrgicas, e modos de vida e a unidade da Igreja); e
- no plano eclesiológico (a diversidade das formas eclesiais, as interações entre as comunidades, e as formas de governo da Igreja que podem proteger as diversidades e promover a unidade)?

### ***Comissão 4: Trabalhar na construção de uma cultura de paz***

Num mundo marcado pela Guerra Fria, pela descolonização e pelas divisões confessionais, o Vaticano II provocou, na sua época, certos avanços, encorajando a reconciliação e a paz. Por causa das mutações atuais da violência, a que a Igreja está convocada hoje:

- no plano antropológico (relação com a criação, rejeição dos pobres, dos emigrantes e dos marginalizados);
- no plano teológico (a reinterpretção do Evangelho e das Escrituras – no contexto de diálogo ecumênico e de encontro entre religiões); e
- no plano eclesial (o exercício do poder na Igreja)?

### Comissão 5: *O serviço da teologia hoje*

A contribuição dos teólogos foi um traço característico do Concílio Vaticano II, uma vez que o Concílio podia apoiar-se em instituições fortes (universidades católicas, faculdades de Teologia e ordens religiosas). Cinquenta anos mais tarde, a teologia se encontra numa situação de fragilidade e de contestação. Para que o serviço da teologia na Igreja e na sociedade se torne fecundo, como se deve praticar a teologia hoje, por quais sujeitos e em quais instituições:

- no plano antropológico (qual é o seu lugar na cultura, dentro da sociedade, na universidade e no seio das ciências);
- no plano teológico (na sua responsabilidade em relação à Palavra de Deus e à vida espiritual das comunidades cristãs); e
- no plano eclesial (em sua relação com o magistério)?

3. A terceira etapa esteve sob a responsabilidade das cinco comissões preparatórias intercontinentais que redigiram os cinco textos propostos ao Colóquio. Seu trabalho se apoiou nos vinte textos preparados durante o pré-Colóquio. Sendo, pois, ao mesmo tempo, o resultado das deliberações preparatórias, os cinco textos propostos ao final do Colóquio trazem, evidentemente, a marca das comissões que os redigiram com grande cuidado.

O Comitê científico se reuniu pela terceira vez em Paris em 2 de março de 2015: ele integrou as poucas emendas chegadas depois da publicação dos cinco textos no *site* da FIUC, propôs aos presidentes das cinco comissões suas próprias emendas e designou, para cada texto, um segundo *relator*, cuja característica principal era não ter participado no processo, precisamente para dar lugar, de imediato, a um olhar externo para os textos propostos. O Comitê redigiu igualmente esse texto, ocasião para dar conta dos motivos, do espírito e da história do projeto, e preparou também o esquema de uma declaração final, cuja redação caberia a uma Comissão do Colóquio. Sem a direção atenta de Dries

Bosschaert, de Montserrat Alom Bartroli, responsável pelos Projetos do Centro de Coordenação de Pesquisa na FIUC, e de Valérie Le Chevalier, esta terceira fase e a realização efetiva do Colóquio não poderiam ter acontecido.

Que podemos esperar desse encontro “provisoriamente final”? Foi a questão que nos colocamos logo no início do Colóquio. Estávamos todos reconhecidos pelo trabalho imenso que fora realizado, em particular pelas primeiras equipes e pelas cinco comissões, mas, sem dúvida, também conscientes dos limites dos nossos textos, de eventuais erros no controle dos ponteiros dentro do Comitê científico e dos desacordos de fundo que não deixariam de se manifestar. Quando um encontro como este começa, nada está garantido, nenhum jogo está decidido – o Concílio Vaticano II nos terá ensinado; foi-nos preciso, pois, uma vez mais, renovar a nossa confiança no acerto de nossas convicções e da proposição feita, não sem lembrar a velha “certa regra” que um de nossos concílios antigos atribuiu às Escrituras neotestamentárias, estipulando que, “quando questões a serem decididas pelas duas partes são colocadas durante discussões comuns (*in communibus disceptationibus*), a luz da verdade expulsa as trevas da mentira” (ALBERIGO, Giuseppe [dir.]. *Les conciles oecuméniques*. Paris: Le Cerf, 1994. t. II/1: “Les Décrets. Nicée I à Latran IV”, 242s.).

De 13 a 15 de abril, desenrolou-se o Colóquio *Vaticano II: Acontecimento histórico e problemática para hoje. O Evangelho sob o risco das culturas*. Uns cem participantes de mais de 25 nacionalidades se reuniram na casa da Conferência dos Bispos da França, em Paris. O Colóquio se compunha de quatro grandes blocos. Depois da abertura e da palavra de acolhimento, por Pedro Rubens Ferreira Oliveira, presidente da FIUC, uma primeira sessão introdutória, presidida por Mathijs Lamberigts, foi consagrada à fala inaugural: “Vaticano II, problemática histórica e teológica”. Christoph Theobald deu uma explicação da origem e do espírito do projeto e lembrou o processo da sua realização. Depois, Gilles Routhier apresentou os objetivos do Colóquio, seu desenrolar e as dinâmicas

de trabalho. A sessão, encerrada pelo Mons. Guy-Réal Thivierge, secretário-geral da FIUC e diretor do CCR, terminou com a apresentação dos 35 membros das diferentes comissões.

A segunda sessão foi centrada nos textos preparados antes do Colóquio: depois da apresentação dos textos pelos cinco presidentes das comissões, cinco replicadores – Pierangelo Sequeri, Maria Clara Binger, José Tolentino Mendonça, Albert Mundele Ngeng e Andrés Torres Queiruga – reagiram aos textos. Seguiu-se o debate em assembleia plenária, como em todas as sessões, em inglês, francês e espanhol, graças ao serviço de intérpretes. As reações aos textos feitas durante a sessão foram, em seguida, consideradas pelas comissões iniciais, às quais se haviam juntado outros participantes do Colóquio, conforme a preferência de cada um. Durante essa terceira sessão, um imenso trabalho coletivo foi realizado nas comissões, enquanto uma comissão suplementar, cujos membros representavam a diversidade dos participantes no Colóquio (intergeracional, internacional...), começava a escrever uma declaração final. Uma vez revistos, todos os textos foram novamente apresentados à assembleia, no decorrer da última sessão do Colóquio. Os participantes tiveram, então, a oportunidade de se pronunciar nas últimas intervenções, que tratavam igualmente da declaração final e da síntese prospectiva dos trabalhos do colóquio.

As quatro sessões de trabalho e colaboração mútua, organizadas com a assistência de Dries Bosschaert – responsável pelo Comitê científico –, do secretariado da revista *Recherches de science religieuse*, do secretariado de Projetos do CCR-FIUC e de vários doutorandos, foram enriquecidas pelos tempos de liturgia e pelas noites abertas ao público.

O primeiro dia iniciou-se com uma oração em três línguas, organizada por Erwan Chauty, responsável pelas liturgias do Colóquio. Uma liturgia da Palavra, presidida por Sua. Exa. Mons. Georges Pontier, presidente da Conferência dos Bispos da França, inaugurou o segundo dia.

Uma celebração eucarística, presidida por Pedro Rubens, acompanhado de Gilles Routhier, Christoph Theobald e Mathijs Lamberigts (que fez a homilia), marcou o terceiro dia.

As noites abertas ao público, cada vez precedidas de um bufê ajantado para os participantes no Colóquio, eram organizadas pelas instituições parceiras. No Institut Catholique de Paris-Theologicum (em parceria com o Institut Saint-Serge), a noite foi consagrada ao tema: “Que recursos o Vaticano II oferece hoje para o governo da Igreja e das Igrejas?”. No Collège des Bernardins, o tema proposto foi: “A dignidade da pessoa: um valor universal?”; o do Centre Sèvres-Facultés Jésuites de Paris (em parceria com o Institut Protestant de Théologie de Paris) foi: “Trabalhar para uma cultura de paz; os recursos do Vaticano II”. Na fase pós-Colóquio, o Comitê científico finalizou os cinco textos, segundo o mandato que lhe foi dado no último dia do Colóquio. Durante três reuniões e em clima de conciliação frequente, eles harmonizaram os textos, levando em conta as observações dos participantes.

*Comitê científico*